



REVISTA APOTHEKE
ISSN 2447-1267
v.5, n.3, ano 5, 2019

**Sensações, misturas e plasticidade: quando as crianças
experimentam e descobrem a arte contemporânea**

**Sensations, mixtures and plasticity: when children
experience and discover contemporary art**

**Sensaciones, mezclas y plasticidad: cuando los niños
experimentan y descubren el arte contemporáneo**

Camila Bettim Borges (PPGEDU/UFRGS)

RESUMO: O presente artigo visa discutir as aproximações das crianças com a arte contemporânea em contextos escolares apontando para possibilidades de proposições que fomentem este encontro.

PALAVRAS-CHAVE: educação infantil; arte contemporânea; crianças.

ABSTRACT: This article aims to discuss the approaches of children to contemporary art in school contexts pointing to possibilities of propositions that foster this meeting.

KEYWORDS: child education; contemporary art; children.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo discutir los enfoques de los niños al arte contemporáneo en contextos escolares señalando las posibilidades de proposiciones que fomentan esta reunión.

PALABRAS CLAVE: educación infantil; arte contemporáneo; niños



Selecionando os materiais...

As crianças, como a arte contemporânea, são constituídas de muitas linguagens. Perceber estas complexas e instigantes maneiras de expressão requer que tenhamos um olhar novo e oxigenado em relação ao que consideramos arte contemporânea e como vemos e compreendemos o que é ser criança na contemporaneidade. Neste sentido, deslocar posições e desestabilizar posturas frente a tais conceitualizações fazem-se imprescindíveis. Assim, neste capítulo, busco aproximar crianças e arte contemporânea, tomando-as a partir de suas pluralidades e especificidades. Percebendo-as não como pontos isolados de uma reta, mas sim, congruentes em suas linhas de pensamentos, ações e processos de criação. A arte contemporânea conclama para que com ela pensemos o mundo e as relações que nos atravessam. As crianças chamam atenção para que as olhemos como cidadãs deste mundo tão *pixelado* e multifacetado. A arte contemporânea, entre outras proposições, incita o deslocamento da posição de autoria individual para que se reflita sobre a importância da autoria coletiva e do observador como um sujeito que, também, compõe a obra. As crianças e a arte contemporânea experimentam e vivem os processos de recriação por meio de ações simbólicas e concretas; percebem-se outras em suas relações com o mundo e com seus pares. Desta forma, promover o contato das crianças com a arte contemporânea requer que nós, educadores, tenhamos também uma disponibilidade e apreço por tais questões. Não há como enxergar ou potencializar tal relação, se não houver por parte dos educadores um desejo, um desacomodar, um olhar *crianceiro* (já diria Manoel de Barros) que brinca e se dispõe a perceber a potência que existe no inédito e nas possibilidades de



(re)criar.ação. Um olhar atento que aceite estar junto com as crianças e a arte contemporânea, em uma relação que ocorre entrelaçada pela experiência, pelo sensível e pelos processos de criação.

Do lugar: a escola é um espaço de arte?

A pergunta acima instiga-nos a pensar se de fato a escola tem se proposto a ocupar este lugar ou se apenas a tem respondido por meio de um persuasivo silêncio. Tentar responder a tal pergunta, leva-nos a pensar em nossas histórias inicialmente com educandos e, portanto, a recordar aquelas dos tempos de escola. Das minhas como educanda, lembro-me de dois momentos bem específicos. O primeiro ainda no primeiro grau (hoje ensino fundamental) com aproximadamente 6 anos, quando tínhamos que preencher muitos desenhos de base mimeografada com bolinhas de papel crepom ou com milho de pipoca. Não podíamos desenhar, nem pintar, nem interferir no desenho já pronto, nossa ação era ficar colando bolinha por bolinha, grão por grão... até finalizar o vasto desenho que possuía as dimensões de uma folha tamanho A4. O segundo momento, foi vivido na época em que realizava o curso de magistério em nível de ensino médio. Ao longo do processo de formação para tornar-se educadora, em cada aula de "didática do ensino de artes" aprendíamos uma "técnica" para ensinar como, por exemplo, criar carimbos, desenhos com retalhos de papel, esfumaçar com palha de aço e propaganda de revista, dobraduras... assim, ao final de cada ano tínhamos uma pasta muito bem organizada (que valia ponto na média final) com todas as possibilidades de arte aprendidas ao longo do ano e alguns textos sobre o desenho infantil. Não me recordo de visitas aos museus ou de discutirmos quaisquer artistas



contemporâneos, apenas alguns renascentistas e raramente alguns modernos.

Tanto a primeira lembrança quanto a segunda servem para que pensemos sobre as formas como a arte adentra os espaços da escola, seja diretamente os que estejam no banco de ensino (educandos), como os que estejam em processo de formação. Não se trata aqui de julgar posturas binárias entre certo e errado. O interesse não é colocar no banco dos réus o passado, mas olha-lo de modo que possamos aprender com as possibilidades que foram ofertadas na época. O que me intriga quando lanço olhares para as coisas que ficaram para trás é perceber que ainda são muito presentes ações desse passado. Ainda há uma profusão imensa de propostas denominadas "artísticas" ou de "arte na escola" de cunho tecnicista, que falam apenas de determinados artistas (consagrados pela história) ou que se dispõem a fazer uma espécie de "releitura" baseada totalmente no que estes artistas propuseram, impossibilitando, portanto, que haja de fato um pensar sobre processo criativo, sobre os materiais utilizados ou sobre o que nos conecta com determinadas obras. Percebo, nessas ações, um pensar sobre a arte como um produto, longe de vê-la e entendê-la como um processo que não se finda com a obra pronta, mas que se propaga em cada olhar e pensamento configurando, assim, novas relações e entendimentos. Pode-se inferir que há, talvez, escondida nesses exemplos de atividades, uma leitura dos professores de que as crianças não conseguem elaborar seus pontos de vista com base unicamente no que pensam ou no que produzem.

Arelada a esta ideia, podemos evidenciar a concepção de que um "bom trabalho" é sinônimo de uma "boa e bela arte" e que, portanto, deve ser ordenado, retilíneo,



organizado, limpo e bem feito, ausentando-se dos borrões, erros ou deformidades de linhas. Podemos ainda deduzir que há, nestas concepções, uma busca desenfreada pela representação de um modo que traga o realismo para o “trabalho da criança”. E este movimento não se dá à toa, afinal, fomos todos ensinados por muitos anos que esta era a função da arte e supostamente, foi ao longo de 19 séculos. Durante algum tempo, eram os pintores que exprimiam, por meio de suas pinturas, o mundo existente. Eram eles os “senhores da verdade” e foi a partir deles que construímos nossa história visual. Um exemplo disto no Brasil é o quadro “Independência ou Morte”, de Pedro Américo (1888), que retrata a proclamação da Independência do Brasil. Hoje em dia, essa pintura é criticada e discutida por inúmeros historiadores que põem à prova as reais condições em que o épico momento ocorreu, porém, o fato é que ela assumiu um lugar no imaginário coletivo sobre aquele momento histórico e político do Brasil e diz de um tipo de arte proposto para a época: a arte que contava uma realidade.

O artista Joseph Kosuth (1945 -), em sua obra *One and Three Chairs* ²(1965), instiga-nos a pensar nestas profundas relações e reflexões que a arte incita quando nos apresenta três formas diferentes (utilizando materialidades do nosso cotidiano) para pensarmos sobre “o que é uma cadeira”. Ele coloca no espaço uma cadeira física, uma imagem em fotografia e a descrição etimológica desta, mostrando-nos inicialmente como os objetos podem possuir formas distintas de serem vistos e pensados. Para além desta primeira impressão sobre a obra, podemos inferir que Joseph Kosuth (1945 -) cutuca-nos sobre as múltiplas linguagens que

² Ver: <https://www.moma.org/collection/works/81435>



existem, tomando como ponto central a maneira como estas refletem nossas experiências e modos de estar no mundo. Desta forma, se lançarmos olhares individuais para cada ponto da obra (para a fotografia, para cadeira física ou a descrição etimológica da cadeira), construiremos relações singulares para cada forma do objeto. No entanto, a ponte estabelecida com a obra altera-se radicalmente quando a olhamos de forma inteira, percebendo as três possibilidades de linguagens existentes e suas conexões.

Esta obra mostra uma das fases da arte entendida como um processo do artista, que não ocorre sozinha, mas precisa fundamentalmente da experiência do observador para que reverbere, para que saia do espaço ali circunscrito. Mostra que a arte não precisa ser conformada em respostas sobre o que é, mas que vive das indagações e linhas de pensamento que ela suscita. Retorno à pergunta que havia feito anteriormente sobre a arte que ocorre nas escolas e lanço delineamentos de resposta, para dizer que talvez a grande questão seja que alguns educadores não pensam com a arte. Não se trata de delimitar a arte no que é ou não é..., mas de pensar o que a arte proporciona para as crianças, para os educadores e para a escola. Não vejo a escola com a função de formar artistas, mas vejo que ela poderia ensinar a pensar **COM** e não apenas *sobre* a arte.

Do modo: arte contemporânea e as crianças

Para pensar sobre a arte contemporânea e as crianças na contemporaneidade é necessário que se faça uma base argumentativa para saber do lugar do qual falamos. Assim, é importante compreender que tanto as crianças como a arte contemporânea são conceitos híbridos, constituídos de incertezas e de recentes e inquietantes discussões e



pesquisas acadêmicas. Compreendo, assim, a arte contemporânea e as crianças como potências de múltiplas linguagens, ímpares e criadoras, que se constituem de matérias do acaso, de experiências e lembranças, de tempos-espacos próprios, *infância como intensidade, um situar-se intensivo no mundo: um sair sempre do seu lugar e se situar em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados.* " (KOHAN, 2003, p.63). Assim, é a partir destes encontros que surge o meu convite para que você, leitor, possa partilhar das infinitas possibilidades entre as crianças e a arte contemporânea, de seus fazeres, processos e experiências.

"A arte não responde. Ela pergunta." Em 2007, este era o slogan da 6ª Bienal do Mercosul e, desde que foi lançado, ele ajuda-me a definir o que considero como arte contemporânea. A abertura para muitas possibilidades, o inusitado, o ato de alimentar o olhar com o que questiona e intriga, o (re)significar, o dar uma cara nova ao que já está inapercebido, os questionamentos às posturas já estabelecidas, a inquietação. Assim, neste momento, tomarei como base conceitual a arte contemporânea como "*um encontro contínuo e reflexivo com o mundo*" que "*longe de ser um ponto final desse processo, age como iniciador*" (ARCHER, 2001, p.236), e as crianças a partir das concepções do campo da sociologia da infância compreendidas como "*actores individuais e colectivos empenhados em agir nos seus mundos de vida.*" (FERREIRA, 2010 p.155). Talvez sejam estas as principais aproximações que vejo entre estas duas temáticas, arte e crianças contemporâneas. Ambas criativas e criadoras; descontinuas e pautadas pela inventividade. A autenticidade e a singularidade da arte contemporânea corroboram para que se pense com as crianças e a partir das



suas concepções e visões de mundo. Podemos compreender este lugar das crianças na contemporaneidade como uma intersecção em que, ao mesmo tempo em que vivem e compartilham do mundo dos adultos, têm capacidade suficiente para, com estes elementos, criarem o seu mundo, as suas realidades, ampliando, significando e resignificando todo o processo de socialização que há envolvido nestas relações tão paralelas e complexas que compõem o mundo dos adultos e das crianças.

Da ação: apropriando-se da arte contemporânea

Talvez uma das possibilidades de pensar/fazer com a arte contemporânea que vejo mais próxima ao universo das crianças, seja a proposta de apropriação inaugurada, no princípio do século XX, com Pablo Picasso (1881-1973) e Georges Braque (1882-1963) por meio das suas famosas colagens cubistas. Além deles, temos ainda inúmeras referências artísticas que se utilizaram da apropriação para constituírem seus processos de criação e obras. Influenciados pelos *ready-mades*, "objetos fabricados em série que escolhia, comprava, e a seguir, designava como obra de arte" (Archer, 2001, p.3), de Marcel Duchamp (1887-1968). Andy Warhol (1928-1987) e Roy Lichtenstein (1923-1997) foram alguns dos que se utilizaram deste procedimento artístico para elaborarem suas obras que buscavam, nas trivialidades urbanas dos grandes centros dos Estados Unidos, a potência para questionarem de maneira irônica os modos de vida da sociedade estadunidense na época (1960). O vigor artístico consistia, assim como fez R.Mutt (pseudônimo de Marcel Duchamp) na obra *Fonte* (1917), em expor objetos do cotidiano em conceituados locais de arte, colocando à prova as concepções de arte e desestruturando



uma ideia como aquela oriunda fundamentalmente da originalidade e do ineditismo, e concebida somente a partir do gesto criador do artista.

Inspirados por este procedimento artístico que, além de ampliar os materiais de experimentação artística, promovia um questionamento sobre o quanto uma ideia vale mais que os objetos que a expressam, uma nova interface da história da arte e do próprio conceito dela advindo irá compor-se. Um segmento considerável de artistas fará parte deste novo e polêmico cenário artístico contemporâneo, e utilizará o conceito de *apropriação* como ideia-chave em suas obras.

Não se trata mais de fabricar uma obra a partir de um material bruto, inédito ou inexplorado, tampouco de fabricar um novo objeto, mas sim de "catar" determinados materiais entre tantos outros que existem e modificá-los com uma intenção específica: "problematizar a noção de arte pautada nos conceitos de originalidade e de valorização do gesto criador do artista" (CHIARELLI, 2002, p.21). É a partir deste deslocamento de matéria e sentido que muitos artistas vão pautar suas obras.

"Duchamp pedia que o observador pensasse sobre o que definia a singularidade da obra de arte em meio à multiplicidade de todos os outros objetos" (ARCHER, 2001, p.3). Assim, podemos inferir que, dentro da concepção de *apropriação*, a criação passa não somente pelo artista, mas também pelo objeto, pela obra e por quem a observa, no caso, o outro - espectador - que também irá compor o processo que envolve a obra. Neste sentido, pensar o conceito de *apropriação* não quer dizer desfazer um conceito que represente algo ou uma unidade, mas o de elevar os seus



sentidos a partir do seu deslocamento para outros espaços, inserindo outros e novos elementos.

“Observar a arte não significa consumi-la passivamente, mas tornar-se parte de um mundo ao qual pertencem essa arte e esse espectador” (ARCHER, 2001, p.236). Marcel Duchamp (1887-1968), Roy Lichtenstein (1923-1997), Andy Warhol (1928-1987), Nelson Leirner (1932-) nos mostram, com suas obras e processos de criação, o quanto a ideia de apropriação é contemporânea, no sentido de ser mais uma das muitas maneiras de se falar, pensar e agir por meio da arte. Manifestam suas opiniões sobre o que a arte “pode ser” provocando nos espectadores surpresas, repulsos, ironias, risos, indagações e dúvidas. Desdobram as certezas de que a arte por muito tempo se apoiou, por meio das concepções de representações fidedignas ao “real” e das noções de criatividade como ineditismo e originalidade, para que pensemos nas apropriações como procedimentos artísticos que questionam a origem da arte e sua definição.

A arte contemporânea leva-nos a pensar nestas reutilizações e nos reprograma a refletir sobre outras possibilidades de ação e criação com as crianças. As apropriações falam dos lugares comuns e chamam para que falemos com e a partir deles. Pensar a arte e suas modalidades nos contextos escolares é pensar, também, com as crianças, e não somente sobre as crianças. É fazer do espaço educativo um verdadeiro laboratório de possibilidades, criações e invenções.

Do ato: crianças em ação

Quando elaboramos uma proposição que leve em conta o encontro entre as crianças e a arte contemporâneas, alguns pontos devem ser pensados e levados em consideração. Desta



maneira, antes de iniciar qualquer ação com as crianças, detenha-se a pensar algum tempo sobre: a) proximidade do propositor (educador) com o artista ou obra. Encante-se, fascine-se e instigue-se com a obra ou o artista. Este encantamento será de uma maneira ou outra captado pelas crianças. Não proponha nada sem que não haja um desejo genuíno de fazê-lo; b) considere o artista/obra como um disparador para pensar a proposição e não que ela será uma "releitura"/cópia do artista; c) considere que todo planejamento tem linhas de escape, ou seja, que a lógica das crianças não é cartesiana e que nem tudo sairá sempre como os adultos pensam; d) leve em conta que o processo de criação não ocorre medido por um tempo específico (30, 40, 50 minutos) mas sim em um ir e vir da criança com o material disponibilizado - possibilite este tempo e respeite-o; e) desejavelmente apresente às crianças os materiais disponíveis sem que haja um direcionamento prévio ao uso, por exemplo: um guarda-chuva para além de nos proteger da chuva pode ser um excelente suporte de pintura ou um ventilador de gigantes... deixe e possibilite que as crianças manipulem e façam usos próprios dos materiais; f) procure evitar os materiais convencionais disponíveis nas escolas e destinados para as aulas de arte, como: caneta hidrocor, tinta guache e folha A3 branca... em tempos de sustentabilidade e de uma consciência ambiental global opte pelo que há de descartável: bonecas velhas que ninguém brinca e que iriam para o descarte, caixas de papelão dos mais diferentes tamanhos, retalhos de roupas, tinta feita de beterraba, a argila que endureceu ou a terra que tem no pátio... g) documente tudo, com fotos, vídeos ou gravações de áudio e depois compartilhe com as crianças. Estes processos de criação são delas e, portanto, merecem "voltar



aos donos”; h) esteja disponível. Assim como as crianças, aproveite estes momentos. Experimente e viva com elas as proposições. Entregue-se!

O olhar que acolhe e respeita: afetos e sensibilidade

Ao longo deste capítulo, busquei apresentar e argumentar acerca da proximidade que vejo entre as crianças e a arte contemporânea. Nestes descaminhos teóricos talvez o que mereça destaque final seja a possibilidade de pensarmos nas relações existentes entre as crianças, a arte contemporânea, a sensibilidade e os afetos.

Ao propormos o encontro entre a arte contemporânea e as crianças, estamos possibilitando que estes pequenos nos mostrem um caminho muito genuíno ligado aos seus afetos e ao que lhes mobiliza. As crianças mostram que o sensível reside em cada detalhe, em cada momento e em cada olhar. Um olhar que não é apenas biológico, vinculado ao ato de enxergar, mas um olhar que é dado na junção de todos os outros sentidos. Uma sensibilidade que está atrelada às experiências, às referências que cada um estabelece, e que os constitui como crianças. O sensível pode ser entendido, aqui, por meio do olhar das crianças, como esta coisa que mexe, cutuca, aproxima, questiona, intriga... “A sensibilidade do indivíduo constitui, assim, o ponto de partida (e talvez, até o de chegada) para nossas ações educacionais” (DUARTE Jr., 2000, p.145). A sensibilidade, talvez, resida exatamente na reinvenção dos sentidos em composição com os novos saberes. As crianças por muitos anos foram vistas como seres de pouca capacidade cognitiva, justamente por “terem vivido menos” e, portanto, saberem menos da vida. O que os pequenos nos mostram a todo momento é que, como adultos, necessitamos olhar a vida por meio dos



olhos de crianças, com seus inícios. Assumindo que, talvez o "não saber" dos pequenos, seja uma potência, uma capacidade. Quantas vezes olhamos o mundo e as coisas como se fosse a primeira vez? Quando é que procuramos o inédito em nosso cotidiano? Ver, pensar, sentir, afetar-se... Estes são os sentidos e é disto que devemos tratar.

Meira e Pillotto (2010), ao discutirem sobre a educação pelos afetos, falam de abordagens feitas nesta área que partem de concepções em torno de uma visão desvinculada do processo cognitivo, e de estudos em que a educação pelos afetos "serve" como um apoio ao processo de aprendizagem. Outrossim, partilho da concepção das referidas autoras, quando afirmam que a educação pelos afetos é "imprescindível no ato de apropriar-se e internalizar os conhecimentos de um modo significativo, formando uma rede sistêmica de significados e sentidos" (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p.24). Há que pensarmos aqui na interligação existente entre os afetos e as possibilidades de criação como transformações que se materializam em níveis de saberes. Saberes estes definidos a partir da implicação "em saborear elementos do mundo e incorporá-los a nós, ou seja, trazê-los ao corpo, para que dele passem a fazer parte" (DUARTE Jr., 2000, p. 134).

Talvez seja agora o momento de inferirmos sobre a artesanaria dos pensamentos, sobre o quanto estes se constroem ao modo de velhos artesãos que modelam o barro, em um processo que envolve tempos e experiências singulares. Talvez seja neste tempo em que devêssemos pensar nos saberes não como dados e acabados, mas em eternos inícios, e as crianças mostram-nos que as esquecemos quando viramos as costas aos começos.



REVISTA APOTHEKE

ISSN 2447-1267

v.5, n.3, ano 5, 2019

REFERÊNCIAS

- ARCHER, Michael. *Arte Contemporânea - Uma História Concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORGES, Camila. *Por entre os dedos: arte e crianças contemporâneas*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, 2013.
- BORGES, Camila. CUNHA, Susana Rangel Vieira da. *E se eu juntar este com aquele? A pesquisa com crianças e os encontros com a arte contemporânea*. Revista Textura v.16 n.32. Canoas, 2014
- CANTON, Katia. *Do Moderno ao Contemporâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- CHIARELLI, Tadeu. *Catálogo Apropriações/Coleções*. Porto Alegre: Santander Cultural, 2002.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. *Experimentos e Experiências na Pesquisa*. In: MARTINS, R; TOURINHO, I (Org.) *Processos e Práticas da Pesquisa em Cultura Visual e Educação*. Santa Maria: UFSM Editora, 2013, p.201-224.
- DUARTE Jr., João Francisco. *O Sentido dos sentidos: a Educação (do) Sensível*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2000. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- DUCHAMP, Marcel. *O Ato Criador*. In: BATTCOCK, G. (Org.). *A Nova Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.71-74.
- FERREIRA, Manuela. "Ela é nossa prisioneira!" - *Questões Teóricas, Epistemológicas e Ético Metodológicas a propósito dos Processos de Obtenção da Permissão das Crianças Pequenas numa Pesquisa Etnográfica*. **Revista Reflexão e Ação** - Revista do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação e Mestrado da Universidade de Santa Cruz / RS. Santa Cruz, 2010.
- KOHAN, Walter Omar. *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.
- LOPONTE, Luciana. *Arte e Metáforas Contemporâneas para Pensar Infância e Educação*. Revista Brasileira de Educação. V. 13 n. 37 jan./abr. 2008.
- MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia. *Arte, Afeto e Educação - A Sensibilidade na Ação Pedagógica*. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- OSTROWER, Faiga. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- RAJCHMAN, John. *O pensamento na arte contemporânea*. In: Revista Novos Estudos. CEBRAPE, n.91, Nov., São Paulo, 2011.
- REY, Sandra. *O Processo como Cruzamento de Procedimentos: Considerações Sobre as Relações de Produção da Arte Contemporânea*. In: *Arte: Limitações e Contaminações - Anais ANPAP - Vol.II - Salvador, 2007*.

Camila Bettim Borges

Doutoranda e Mestra em Educação pelo PPGEDU/UFRGS, na Linha Estudos Sobre Infâncias. Graduada em Pedagogia pela UFRGS. Realizou intercâmbio na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação na Universidade do Porto-Portugal (2009-2010). Integrante do GEIN - Grupo de Estudos em Educação Infantil da Faculdade de Educação/UFRGS. Atualmente é professora na área de Educação Infantil.
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9384783257371896>
E-mail: cbettim@gmail.com

Recebido em 14 de outubro de 2019.

Aprovado em 23 de novembro de 2019.